



Janeiro a Junho 2012

CAPA e BATINA

N.º 39 • 3ª SÉRIE

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa



NESTE NÚMERO

XX ANIVERSÁRIO
DA ASSOCIAÇÃO

PAG. 04

“PORTUGAL, A
UNIVERSIDADE
E O FUTURO”

PAG. 07

OS NOSSOS
PASSEIOS

- VIAGEM AOS AÇORES

PAG. 17



03	EDITORIAL
04	EM DESTAQUE XX Aniversário da AAEC
07	CONFERÊNCIAS "Portugal, a Universidade e o Futuro" (parceria c/ AAAUL) – Prof. Doutor Vasconcelos Tavares e Prof. Doutor Pedro Saraiva Tertúlia "Conversa sobre o Soroptimist International" – Maria Teresa Carrilho
17	OS NOSSOS PASSEIOS CÁ DENTRO – Fim-do-Ano em Vilamoura – Açores
20	A VOZ DA FILANTRÓPICA E VISITAS LOCAIS
21	ESPAÇO POESIA
22	ACADÉMICA HOJE
23	BLOGOSFER@
25	NOTÍCIAS BREVES
26	NOVOS SÓCIOS
26	IN MEMORIAM

Os textos publicados podem ter sido ajustados ao espaço disponível.
A versão integral pode ser consultada na Sede ou no sítio da Internet:
www.aaec-lisboa.com

EDITORIAL

UMA COOPERAÇÃO FECUNDA

A cooperação entre a Associação dos Antigos Alunos da Universidade de Lisboa e a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa constitui um caso especial de articulação de esforços, visando, através da participação activa dos antigos estudantes, a afirmação de duas instituições com uma ligação exemplar de inequívoca importância na história portuguesa.

A Universidade Portuguesa tem-se afirmado ao longo dos séculos como uma realidade viva, que teve os seus momentos mais gloriosos sempre que se abriu ao exterior e participou do espírito universalista que animou desde o século XIII o Estudo Geral. É im-

pressionante, quando vamos pelo mundo fora, o prestígio da *Alma Mater* portuguesa, o que constitui uma responsabilidade acrescida para todos quantos passaram pelas nossas Universidades e hoje se dispõem a reforçar a qualidade da aprendizagem, da investigação e da solidariedade institucional.

No momento em que assinalámos os 20 anos da constituição da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa e celebrámos o Protocolo de Colaboração entre as nossas duas Associações tivemos oportunidade de afirmar que se abrem novas perspectivas através desta ligação considerando: o apoio às Universidades, a afirmação do respectivo prestígio na sociedade e o lançamento de

novas iniciativas que permitem articular várias gerações de alunos.

Foi muito importante o que ocorreu no Instituto de Estudos Superiores Militares em 17 de Março último, já que, mais do que um convívio entre pessoas de gerações e formações diferentes, se tornou evidente a existência de uma vontade conjunta e de lançar iniciativas conjuntas – com base nos valores comuns que nos animaram.

No fundo, as instituições são “ideias de obra” (como dizia Maurice Hauriou) que permanecem nas sociedades – obrigando a que o diálogo entre gerações se torne mais fecundo e actuante.

Dezembro de 2012

Guilherme d'Oliveira Martins



Oliveira Martins recebe medalha da AAECCL das mãos do presidente da Ass.Geral Francisco Chichorro Rodrigues.

XX ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO EM PARCERIA COM A UNIVERSIDADE DE LISBOA E A UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

17 de Março de 2012

Vinte anos volvidos sobre a constituição da nossa Associação como autónoma da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, sediada em Coimbra, impunha-se uma comemoração, no mínimo, com a dignidade e abrangência da que solemnizou o seu X Aniversário.

Assim o exaltou, em nome dos Órgãos Sociais, a presidente da Direcção, Fátima Lencastre, nas palavras de abertura do Sarau que, no dia 17 de Março de 2012, ocorreu no grande auditório do Instituto de Estudos Superiores Militares, após um apreciado almoço na messe dos Oficiais, como já é tradição.

Começou por saudar os 150 convivas e expressar reverente gratidão pelas presenças do Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. Doutor Eng. João Gabriel Silva, dos representantes das 2 Universidades em vias de fusão: Vice-Reitor

da Universidade de Lisboa, Prof. Doutor Vasconcelos Tavares, em representação do (Magnífico) Reitor, Prof. Doutor Sampaio da Nóvoa, e do Vice-Reitor da Universidade Técnica de Lisboa, Prof. Doutor Brandão de Brito; e a participação do Dr. Guilherme d'Oliveira Martins (Presidente do Tribunal de Contas e do Centro Nacional de Cultura) aqui na sua qualidade especial de Presidente da recém-criada Associação dos Antigos Alunos da Universidade de Lisboa.

Anunciou depois que – à semelhança da parceria firmada há 10 anos com a Casa de Goa em Lisboa que nos abriu as portas e acedeu às nossas através de eventos conjuntos dignos de registo (em Lisboa e em Coimbra) – este acto comemorativo iria ter o seu ponto alto na assinatura de um Protocolo de Colaboração com a referida Associação dos Antigos Alunos da Universidade de Lisboa, do seguinte teor:

"Protocolo de Colaboração

Entre,

A Associação de Antigos Alunos da Universidade de Lisboa, com sede na Alameda da Universidade, Cidade Universitária, em Lisboa, adiante designada AAAUL, representada pelo seu Presidente Guilherme d'Oliveira Martins; e,

A Associação de Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, com sede na Rua António Pereira Carrilho, nº 5 - 1º andar, Lisboa, adiante designada AAACL, representada pela sua Presidente Maria de Fátima Lencastre.

CONSIDERANDO QUE A AAAUL E A AAACL:

1. Desenvolvem actividades de utilidade pública e prosseguem idênticos objectivos estatutários de natureza cultural e de solidariedade;
2. Encontram pontos de interesse comum que podem ser prosseguidos em conjunto;
3. São compostas por associados que partilham interesses comuns;

É assinado o presente Protocolo de Colaboração de acordo com as bases seguintes:

BASE I

As duas Associações, AAAUL e AAACL, propõem-se desenvolver formas de cooperação mútua designadamente de âmbito cultural, através de programas ou eventos destinados aos associados.

BASE II

A cooperação mútua compreende a organização de eventos, confraternizações e acções de solidariedade numa base de reciprocidade, que serão objecto de análise específica.

BASE III

O presente protocolo terá a duração de cinco anos, podendo ser renovado, se não for por qualquer das partes denunciado com a antecedência de trinta dias. Poderá ainda ser revogado em qualquer momento, mediante expresso acordo mútuo ou por qualquer das partes, mediante pré-aviso de trinta dias.

BASE IV

Durante a vigência do protocolo poderão ser introduzidas alterações, as quais, efectuadas mediante expresso acordo mútuo e após formalização, passarão a ser parte integrante do presente protocolo por "adenda".

BASE V

As partes estabelecem que cada projecto/acção específica a desenvolver será definido e detalhado, no que respeita aos objectivos, encargos, mecanismos e prazos, através de documentos complementares que farão parte deste protocolo sob a forma de anexos.

BASE VI

As dúvidas suscitadas pela aplicação das regras do protocolo serão esclarecidas e interpretadas de comum acordo, dentro do princípio geral da interpretação mais favorável à prossecução das finalidades expressas.

Em Lisboa a 17 de Março de 2012,

Pela Associação de Antigos Alunos da Universidade de Lisboa,
Guilherme d'Oliveira Martins

Pela Associação de Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa,
Maria de Fátima Lencastre"

Explicou então tratar-se da formalização inter partes de cooperações *ad hoc* com a Reitoria da U.L., movidas, ao que se julga, pelo repto que lançara ao então Magnífico Reitor da U.L., Prof. Doutor Barata Moura, no Sarau "Coimbra em Lisboa" promovido pela nossa Associação na Aula Magna em 1999, sob a égide também do Magnífico Reitor da U.C., Prof. Doutor Fernando Rebelo.

Assinalou, neste passo, que foi o primeiro espectáculo académico divulgado e aberto ao público lisboeta, oferecendo-lhe expressões da cultura e canção coimbrãs em toda a sua genuidade (grupos corais, teatrais, lúdicos, de dança, compostos por jovens e menos jovens da Academia de Coimbra), tendo desde logo Barata Moura vaticinado estarmos "perante um marco no estreitamento das relações de cooperação entre as 2 instituições".

Relembrou ainda que, com mais este impulso, foi criando corpo uma cruzada de combate ao quase alheamento a que é votada a cultura coimbrã, seguindo-se numerosas intervenções na RDP-Antena 1 e formas de colaboração pontuais com outras instituições,

sempre sob o desígnio de abertura à sociedade envolvente.

A terminar, apelou para a ajuda de todos na concretização dos desideratos consagrados protocolarmente e agradeceu a todos os participantes no Sarau, em especial as contribuições das duas Universidades:

- O Coro Preparatório ao Coro Infantil da Universidade de Lisboa (crianças dos 7 aos 10 anos), dirigido pela Maestrina Erica Mandillo – (pela UL); e
- A Magna Tuna ApocalSCSPiana – Tuna Académica do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa – (pela UTL).

Após as intervenções do Presidente da AAAUL e do Magnífico Reitor da UC, seguiu-se a enternecedora actuação do Coro Infantil (45 crianças), da buliçosa Tuna, (a quem os nossos "Madre Christu" cantaram os "parabéns a você" pelo seu 19º aniversário nesse dia e ofereceram uma fita para a bandeira), da sempre aplaudida estudantina "Madre Christu" e sua prole e, a coroar, dos Grupos "Porta Férrea" e "Serenata ao Luar", numa Serenata de Coimbra memorável.



Coro Infantil - Univ. Lisboa



Grupo Madre Christu



A Magna Tuna ApocallISCSPiana



Grupo Serenata ao Luar



Grupo Porta Férra



Parabéns cantados à Associação pelo seu vigésimo aniversário

E... enquanto se preparava a acústica da Serenata, surpresa das surpresas! O Grupo de Bordados da nossa Associação prestou uma singela homenagem à Fátima Lencastre, com palavras sentidas e a oferta de uma placa em prata a dizer:

"À querida Fátima Lencastre o nosso reconhecimento pelos muitos anos de carinhosa dedicação como Presidente da AAACL.

Com muita amizade do Grupo dos Bordados
17 de Março de 2012"

Um monumental bolo de aniversário, regado a espumante, materializou a forte coesão académica intra e extra-muros que neste dia enriqueceu a nossa vivência.

A Direcção

“PORTUGAL, A UNIVERSIDADE E O FUTURO”

(PARCERIA C/ ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA)

Prof. Doutor Vasconcelos Tavares e Prof. Doutor Pedro Saraiva



Prof. Doutor Pedro Saraiva

No passado dia 6 de Junho a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa (AAECL) concedeu-me o privilégio de abordar o tema premente e apaixonante "Portugal, as Universidades e o Futuro", em mais um evento que importa aplaudir, bem como agradecer encaresadamente, o que aqui faço publicamente na pessoa da nossa estimada Fátima Lencastre, grande embaixadora da Universidade de Coimbra em Lisboa e por esse mundo fora!

Nada melhor do que aproveitar as diásporas universitárias para discutir abertamente, com os antigos estudantes, os tempos vindouros do nosso país e do respectivo ensino superior. Foi isso que modestamente procurei fazer, através da partilha de reflexões e dados objectivos que telegraficamente poderia resumir do seguinte modo:

- O panorama actualmente vivido em

Portugal, mormente no que diz respeito à incapacidade de criação de valor numa base competitiva global, deve-se em larga medida ao tremendo atraso de largas décadas que mantemos em matéria de qualificação da nossa população;

- Em particular, no que diz respeito à percentagem da população jovem (entre os 30 e os 34 anos) com formação superior, o valor alcançado em Portugal, relativo a 2010, corresponde a 23,5%, o que compara desfavoravelmente face a uma média da União Europeia cifrada em 33,6%, sendo que dos 27 países que a integram resultado menos favorável só é encontrado na Eslováquia, Malta, República Checa, Itália e Roménia;
- Os desafios que actualmente se colocam ao Velho Continente em matéria de Ensino Superior não podem deixar de levar em devida conta aquilo que se passa a este nível noutras partes do globo, e em particular nos países emergentes, pois a China já é neste momento o país com maior número de alunos, sendo que o somatório de alunos que frequentam o ensino superior nos chamados países BRIC excede largamente o equivalente que é possível encontrar no somatório da União Europeia, EUA e Japão;
- Outros pontos do globo estão a investir fortemente no Ensino Superior, re-

conhecido enquanto factor central de apoio ao desenvolvimento, como é possível ilustrar olhando para algumas nações do Médio Oriente, da Ásia, da África ou da Oceânia;

- Além dos aspectos de índole quantitativa, importa ter em atenção o tipo de dinâmicas registadas no que diz respeito à qualidade das Instituições de Ensino Superior, onde é possível identificar tendências de evolução, observadas em diferentes rankings internacionais, que mostram também em termos relativos uma perda de posições por parte da Europa, ficando Portugal arredado do leque de países onde é possível encontrar Universidades posicionadas entre as 200 melhores do mundo, contrariamente ao que sucede com inúmeras outras nações.

Tendo este retrato enquanto ponto de partida, escusado será dizer que o futuro de Portugal depende, agora mais do que nunca, da seriedade com que todos formos capazes de apostar no reforço do Ensino Superior, através de uma verdadeira e ambiciosa agenda nacional, mobilizadora de vontades múltiplas, tendo como objectivos estratégicos:

- Alcançar 50% da população jovem com qualificação superior;
- Ter Universidades posicionadas entre as 200 melhores do mundo;

- Renovar constantemente as abordagens pedagógicas adoptadas;
- Reforçar a equidade social no que diz respeito ao acesso;
- Continuar progressos registados em matéria de I&D, alcançando um investimento nesta área de 3% do PIB;
- Concretizar efectivamente, em cada Instituição de Ensino Superior, a respectiva terceira missão, de contributo para a inovação, empreendedorismo e transformação da sociedade.

Esta visão deve ser acompanhada de modos de implementação altamente pragmáticos, orientados para resultados concretos, alvo de contratualização com cada Instituição de Ensino Superior, com estímulos adequados, de que pode ser exemplo a ideia de fazer reverter uma percentagem simbólica do IRS tributado aos cidadãos com formação superior para as respectivas Universidades de origem, caso haja concordância dos mesmos nesse mesmo sentido (não se trata de qualquer acréscimo de tributação, mas antes de uma afectação específica de impostos, por forma a reconhecer a capacidade das instituições para a criação de homens/mulheres geradores de valor acrescentado nas respectivas vidas profissionais ao longo da vida).

Caso este tipo de caminho não venha a ser assumido com clareza, determinação e urgência, inversamente ao preconizado existe um risco real de se vir a assistir a algum retrocesso em diversos domínios da vida universitária, algo que se traduzirá num preço a pagar pelo país, em matéria de desenvolvimento futuro no curto, mas também a médio/longo prazo.

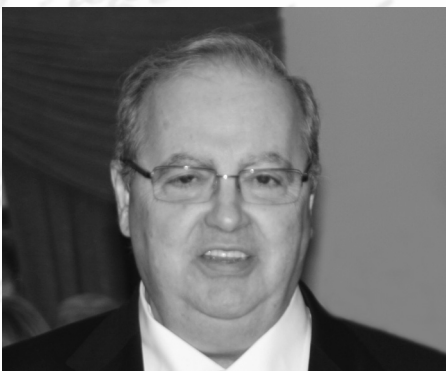
Claro está que assim que o estado do País o permita, teremos de entender que ser competitivo em matéria de Ensino Superior obriga a "ter ovos disponíveis", sendo cronicamente baixo o valor de investimento por aluno registado em Portugal, comparativamente à generalidade dos países do "nosso campeonato", como os sucessivos estudos da OCDE bem comprovam. Vários trabalhos internacionais, incluindo alguns que nós próprios desenvolvemos, mostram alguns padrões incontornáveis: hoje em dia só é possível ter Universidades internacionalmente competitivas quando os respectivos países investem por aluno valores adequados (muito superiores aos nacionais) e concedem verdadeira plena autonomia às respectivas Instituições de Ensino Superior. Em síntese, diria, respondendo ao tema central em debate, que: Portugal tem futuro, mas a qualidade deste futuro depende em muito do Ensino Superior; e

este das respectivas Universidades; e estas dos seus antigos estudantes, como a sessão promovida pela AAECCL, em parceria com a sua congénere da Universidade de Lisboa, bem ajudou a evidenciar. Juntos iremos conseguir vencer os tremendos desafios que se colocam ao Ensino Superior em Portugal.

Depois de um período muito enriquecedor de três anos de vida parlamentar, após cerca de seis anos igualmente férteis enquanto Pró-Reitor e Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, pouco mais de um mês depois desta sessão ter ocorrido iniciei mais uma fascinante fase da vida profissional, ao aceitar o honroso convite para ser Presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro. À escala regional, acredito que o futuro dos 100 concelhos que integram a Região Centro de Portugal depende e dependerá cada vez mais das apostas que forem sendo dinamizadas em torno das Instituições de Ensino Superior que se situam neste mesmo território. É com elas e através delas que queremos sonhar e concretizar os sonhos de uma Região Centro que se pretende cada vez mais inovadora, empreendedora e competitiva, tanto a nível nacional como a nível internacional.

“PORTUGAL, A UNIVERSIDADE E O FUTURO”

Prof. Doutor Vasconcelos Tavares



Prof. Doutor Vasconcelos Tavares

Agradeço à Dr.^a Fátima Lencastre, Presidente da Direção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, e ao Professor Guilherme d'Oliveira Martins, Presidente da Direção da Associação de Antigos Alunos da Universidade de Lisboa, UL Alumni, o honroso convite para proferir esta intervenção.

Por se tratar de uma fala inaugural, em nome da nossa Associação UL Alumni, existe uma responsabilidade acrescida para o orador e um testemunho de con-

fiança por parte do comitente, que a todos os títulos me desvanece.

Procurarei pela minha parte estar à altura dessa responsabilidade e dessa confiança; caberá sempre ao qualificado auditório, em última e decisiva instância, aquilatar do meu desempenho.

Convido-vos a acompanharem-me, numa breve viagem pelo tempo, para melhor contextualizarmos o aparecimento do ensino universitário em Portugal.

Na idade média a instrução de um jovem

dependia, em geral, da sua condição na sociedade, dos seus meios de fortuna e da localização geográfica da sua infância e adolescência. Não se colocavam problemas como o do ensino primário ou do ensino obrigatório. Instruir não se julgava dever da Coroa, nem de ninguém. Abra-se apenas a exceção religiosa. E essa, quantas vezes, foi a determinante de um mínimo de indivíduos alcançarem um pouco de educação. Havia que ensinar os mistérios da Fé, as orações mais importantes, a forma de assistir aos ofícios.

Cada convento era uma escola em potência, quantas vezes mal situada, longe dos centros populacionais importantes e por isso de fraca irradiação cultural. Franciscanos e dominicanos podiam andar de terra em terra e levar consigo a instrução, quando a possuíam. Mas eram poucos. A tarefa de pregar, de confessar, de lutar contra a heresia, o paganismo, a superstição ou a indiferença religiosa absorvia-os e deixava-lhe pouco tempo livre. Se atentarmos nestas dificuldades, no preço e na raridade dos livros e dos materiais da escrita, associado à incompreensão dos pais, camponeses ou artífices, pouco interessados na ilustração dos filhos e preferindo a sua ajuda no trabalho quotidiano, facilmente se compreende as razões do analfabetismo generalizado.

Analfabetismo que não significava necessariamente falta de cultura, na Idade Média. Nem para as massas, nem para as elites, o problema da alfabetização se punha como hoje.

Os conhecimentos teóricos e práticos transmitiam-se sobretudo por via oral. Tradições populares, romances, provérbios e sermões tinham na formação dos indivíduos e das coletividades um papel tão importante como os livros dos nossos dias. Acrescentem-se ainda os retábulos, os frescos e as esculturas das igrejas, a liturgia, o teatro religioso, etc.

Nas principais igrejas (Sés e catedrais), do ocidente peninsular, regista-se a existência de escolas desde o século XI.

Serviam quase exclusivamente para o ensino dos clérigos. Contudo também eram utilizadas no plano geral da instrução pú-

blica porquanto muitas crianças, protegidas por eclesiásticos ou destinadas pelos pais à vida religiosa, nelas tomariam lugar. Coimbra, Braga, Lisboa, Porto, Viseu, Lamego e Évora, possuíam assim as suas escolas orientadas por mestres-escolas, que os concílios de Latrão (1179 e 1215) recomendaram. Tais mestres, no dizer de um dos decretos conciliares de 1179, ensinariam «o clero da respetiva igreja e, sem pagamento, os alunos pobres».

Ao lado destas escolas episcopais existiam outras nos conventos. Em Alcobaça e Santa Cruz, diversos documentos atestam a sua existência, no século XII.

O que se ensinava nestas escolas? Em primeiro lugar, a ler e a escrever latim: a chamada gramática. Era o início do Trivium, trilogia «científica» introdutória a quaisquer estudos mais avançados (as outras duas disciplinas denominavam-se retórica e dialética). Como cartilha funcionava geralmente o Saltério ou Livro de Salmos bíblicos. Para progredir na «gramática» havia depois alguns textos conhecidos em toda a Cristandade e que se deviam sobretudo a autores latinos do (séc. IV a VI), como era o caso dos Padres da Igreja e de Prisciano. Mas também os poetas e prosadores clássicos latinos desempenhavam papel de relevo nesta aprendizagem literária.

Apenas os mosteiros ou as Sés culturalmente desenvolvidas, como Alcobaça, possuíam tais ferramentas de trabalho. Aprendia-se exclusivamente caligrafia gótica. Além de aprender a traçar as várias letras do alfabeto (apenas 23: não se distinguiram ainda o I do J nem o U do V; não se conhecia o W) e sua utilização numérica (a chamada «numeração romana», com regras um pouco diferentes das que hoje utilizamos); além de aprender a ler as palavras pela justaposição das letras, exigia-se também ao aluno a memorização de numerosas abreviaturas que então se utilizavam, normalmente, na escrita.

Este hábito, contra o qual irão reclamar os gramáticos do século XVI, provinha principalmente da escassez de pergaminho no mercado, o que levava a querer escrever muito em pouco espaço.

Aprendia-se a ler e a escrever em latim. Para se aceder aos estudos superiores era necessário alargar os conhecimentos adquiridos, com o estudo de Gramática e de Dialética (Lógica), que constituíam a «faculdade» de Artes. O curso durava três anos e conferia o grau de bacharel, depois de um exame público.

Não está bem esclarecido se depois de ter cursado Artes, o estudante podia matricular-se nas cátedras que lhe davam o bacharelato em Medicina: Física e Filosofia, esta última mais tarde subdividida em Filosofia Natural e em Filosofia Moral. Aí estudava tudo menos medicina prática. A «ciência» baseava-se principalmente nos tratados de Aristóteles sobre a natureza das pessoas e das coisas, a geração e a corrupção, a forma do mundo, a moral, etc.

Dos «médicos» estudava-se Galeno e Hipócrates. Mas nem Medicina nem Artes gozavam de grande prestígio, ganhando os seus mestres muito menos, do que os lentes universitários conceituados.

As «faculdades» categorizadas eram na verdade as de Direito: Direito Civil (Leis) e Direito Canónico ou Cânones (Decreto e Decretais). Na cadeira de Direito Civil estudava-se o direito romano; na de Decreto, a base do direito canónico; na de Decretais, as decretais dos papas Gregório IX e Bonifácio VIII.

Na universidade portuguesa não se estudou teologia até meados do século XV. Não obstante existiam cursos de teologia em várias escolas conventuais, sobretudo de dominicanos e franciscanos.

Acima de bacharel a Universidade, através do Bispo, depois Arcebispo de Lisboa ou de um seu vigário, conferia os graus de licenciado e de doutor. Para se ser licenciado, havia que frequentar o estudo durante sete ou nove anos, ao todo, prestar provas e pagar pesada espórtula. O título de doutor exigia, além de exames públicos, cerimónias pomposas e de alto custo para o candidato. Desta forma, apenas os indivíduos ricos ou subsidiados (caso dos clérigos) podiam ascender ao cume da hierarquia universitária e converter-se em «lentes».

Durante a Idade Média o estudo geral português não tinha mais de duas dezes-

nas de professores. Havia aulas de manhã e de tarde. As mais importantes eram as primeiras. Começavam às 6 da manhã (horas de «prima», cátedras de «prima», lentes de «prima»), porque se julgava a hora mais favorável para aprendizagem! À tarde havia as aulas «extraordinárias», confiadas a professores menos importantes. O ano letivo prosseguia até 25 de Agosto! Em cada ano devia haver «dois autos» por cátedra, espécie de exames dos nossos dias, em que se punha à prova a capacidade de argumentar dos alunos.

O nível cultural da nobreza foi-se alargando com a passagem dos séculos. Bastante se tem exagerado sobre o analfabetismo de reis e de grandes senhores. Não é crível que o conde D. Henrique, oriundo de uma região europeia (Borgonha) relativamente desenvolvida no plano económico, para o século XI, fosse iletrado. E não é crível que sua viúva, cercada por clérigos franceses pertencentes à «elite» cultural do tempo - os monges de Cluny - descurasse por completo a instrução de seu filho Afonso Henriques.

Saber ler e escrever representava, sem dúvida, para a época, um nível avançado de cultura. Mas, mesmo que letrado, que formas de alargamento educacional podia um rei ou um nobre receber na sua corte, ou no seu solar de província?

Por vezes visitavam o paço jograis de grupos ambulatórios ou trovadores convidados. Uns e outros haviam de narrar contos, lendas, declamar poemas, tocar e bailar. Para além do mero divertimento, a atividade trovadoresca ou jograleira supria a falta de livros.

A situação começa a modificar-se em meados do século XIII, pelo menos na corte. Afonso III e seus vassallos, regressados com ele de França, introduziram os hábitos culturais de além-Pireneus.

Não apenas se versejava e se animavam os saraus com narrativas em prosa, mas ainda se iniciou um fecundo movimento de aquisição, feitura e cópia de livros. No século seguinte, o movimento prosseguiu e acelerou-se. Entre os livros que mais interessavam à aristocracia, contavam-se os tratados de caça e de alveitaria (trata-

mento de animais, sobretudo cavalos), cetraria (tratamento de aves de caça, falcoaria), montaria, ensinança de bem cavalgar, etc.". Eram os próprios reis que tomavam providências neste sentido, sendo autores de alguns livros (casos do Livro da Montaria de D. João I e do Livro da Ensinança de Bem Cavalgar de D. Duarte). É interessante notar que estes tratados, de leitura ou audição frequente por parte dos nobres, transmitiam cópia de vastos conhecimentos empíricos de zoologia, de veterinária, de medicina e de educação física.

Assim, por exemplo, ao defender que todos deviam andar a cavalo, independentemente da força ou da idade, D. Duarte estava a recomendar o exercício físico como um meio saudável e apropriado a fracos e a velhos: «Do corpo pensam alguns por fraqueza, ou velhice, ou gordura que não poderão ser bons cavalgadores [...] e são [...] enganados [...] e bem penso que se tal tenção tivessem todos, que poucos seriam que, por mingua da disposição do corpo, razoadamente bons cavalgadores deixassem de ser». No século XIV compôs-se o Amadis de Gaula. Durante todo esse século os livros de cavalaria estiveram na moda, sobretudo da gente jovem.

Nun'Álvares, quando adolescente, «havia grão sabor e usava muito de ouvir e ler livros de histórias: especialmente a história de Galaaz (filho de Sir Lancelot e um dos cavaleiros da Távola Redonda a conseguir alcançar o Santo Graal». O gosto pelos livros, por ler e por ouvir ler foi-se acentuando.

Progressivamente os conventos perderam o monopólio das bibliotecas. Na corte portuguesa existiam livros e com D. Duarte o seu número ascendeu a oitenta e três volumes. Era uma biblioteca muito variada. Possuía um exemplar do livro das viagens de Marco Polo, em latim e com tradução portuguesa".

Nos começos do século XV, D. Duarte "O eloquente" defendia a generalização da cultura por toda a aristocracia.

Existia, é certo, uma outra corrente a que D. Duarte expressamente se referia «É verdade que digam de semelhante leitura

não muito convir a homens de tal estado...», que reprovava tanta «literatice» em homens destinados aos atos de coragem e às virtudes militares.

Os tipos de livros apontados pelo monarca correspondiam bem à literatura em voga já desde o século XIV: obras de cunho moralista ou de exaltação religiosa; crónicas e romances de cavalaria; além de, evidentemente, obras didáticas. O próprio interesse que ia despontando pelos autores clássicos confinava-se em geral a tratados dos mesmos géneros. É do século XV a tradução, para português, das fábulas de Esopo.

A divulgação destas e doutras obras não se podia alargar a um público vasto. O livro era caro e era raro. A não ser tratando-se de obras religiosas como bíblias, missais, antifonários e demais livros de ofício, cuja necessidade de disseminação punha em movimento dezenas ou até centenas de tradutores, as obras literárias de outra espécie conheciam «tiragens» de um, dois ou três exemplares. O livro avizinhava-se assim do painel, da tapeçaria historiada, do objeto de ourivesaria, do manto de arminhos ou da relíquia. Possuí-lo era um luxo e só os mais ricos se permitiam orgulhosamente exhibir uma «biblioteca». O alargamento da cultura através da leitura ficava portanto restrito a uma parte da aristocracia e ao clero, devido às suas instituições de tipo coletivo.

Depositários de cultura eram ainda os «físicos» e os boticários. Comungavam simultaneamente de uma larga teoria de base tradicional, e de certa experiência prática resultado do tratamento das maleitas e da confeção das mezinhas. Filósofos e teólogos, astrólogos e médicos, farmacêuticos e curandeiros, representavam um tipo curioso de letrado e de cientista, tão próprio dos tempos medievais.

É neste contexto, algo contraditório, de literacia e de iliteracia que surge a Universidade da era medieval, cuja abertura representou, em si mesma, uma reforma radical no regime de educação vigente.

As primeiras universidades foram fundadas em França (Paris, Montpellier), Inglaterra (Oxford e Cambridge), Itália (Bo-

lonha, Vicenza, Pádua, Siena) e Espanha (Palencia, Salamanca), no século XI e XII. Essas universidades pioneiras eram abertamente escolásticas, absorvendo o papel social das instituições religiosas que haviam sido sua semente.

A Universidade Portuguesa também tem origens muito antigas e calcula-se que tenha sido a vigésima primeira na Europa. Data de 12 de Novembro de 1288, o primeiro documento referente aos Estudos Gerais da cidade de Lisboa.

Este documento é um pedido dirigido ao Papa, por vários eclesiásticos, no sentido de solicitar a autorização necessária para das rendas dos mosteiros e igrejas, abonarem os honorários dos doutores e mestres do Estudo. Desta petição, podemos concluir que a resolução de dar início a este Estudo estava já tomada uma vez que é o próprio Rei D. Dinis, que por carta de 1 de Março de 1290, ampliará os privilégios já concedidos ao Estudo Geral de Lisboa.

Mas a primeira vez que expressamente se fala em Universidade é em 9 de Agosto de 1290, quando o Papa Nicolau IV expede a Bula De Statu Regni Portugaliae, endereçada à Universidade de Lisboa, aprovando o pagamento de honorários e autorizando privilégios aos seus mestres e alunos. A partir desta Bula de Nicolau IV fica claro que a Universidade dependia da autoridade papal.

D. Dinis, ao fundar a Universidade de Lisboa, sabia ser indispensável a ligação da instituição universitária ao Papa. Com aquela confirmação pontifícia o rei assegura ao Estudo de Lisboa o seu carácter universal uma vez que os graus académicos, aí obtidos, eram concedidos pela autoridade do Papa.

Deste modo a validade jurídica e académica dos graus obtidos em Lisboa era idêntica à de qualquer outra Universidade da Cristandade, o que contribuiu para atrair os mestres e escolares que asseguravam o prestígio da instituição.

A Universidade de Lisboa era universal, porque era Papal. Qualquer Doutor formado nesta instituição era automaticamente reconhecido no mundo cristão.

A sede da Universidade portuguesa va-

riou até 1537 (1308 - Transferência para Coimbra, 1338 - Transferência para Lisboa, 1354 - Transferência para Coimbra, 1377 - Transferência para Lisboa, por ordem de D. Fernando).

Em 1537 foi transferida definitivamente para Coimbra onde permaneceu como instituição única no país.

A universidade medieval chega à era moderna com uma estrutura curricular rígida, composta por duas Faculdades (Teologia e Direito), a depender da maior ou menor influência da religião sobre o Estado. No século XV, em diversos países, as escolas médicas foram incorporadas no claustro universitário, como Faculdades de Medicina. A formação profissional tecnológica permanecia fora das universidades, sendo no máximo objeto das escolas militares para as engenharias ou de iniciativas isoladas de base estatal, como a famosa Escola de Sagres para as artes náuticas.

A Europa pós-Renascimento, no meio das turbulências políticas que se seguiram à emergência dos novos meios de produção, testemunhou e nutriu a criação de um paradigma universitário pós-escolástico, a universidade da arte-cultura. A universidade medieval revelou-se incapaz de absorver e processar a enorme diversidade artística e cultural da África e da Ásia trazida para a Europa depois das Grandes Descobertas.

Um novo paradigma académico, com base no projeto ideológico do enciclopédismo, foi gerado para dotar a nova elite das habilitações literárias e artísticas características do Iluminismo. História natural, filosofia, literatura, matemática, direito e as artes de governo formavam o currículo central destas instituições. Dessa universidade enciclopédica não se cobrava responsabilidade pela produção científica nem pela organização e sistematização do conhecimento humanístico, artístico ou tecnológico.

Entretanto houve uma grande progressão do conhecimento. Naturalistas, astrónomos, físicos, matemáticos, exploradores, novos tipos de produtores de conhecimento distintos dos filósofos, passaram a produzir uma massa de dados e um

volume de amostras e espécimes tão grande que não se sabia como os catalogar e armazenar. Em paralelo à reinvenção da biblioteca, ressurgiu também sob presença e nova roupagem, uma instituição de conhecimento não menos importante: os museus. No plano institucional, pensava-se que um organismo especializado na produção, catalogação e armazenamento de conhecimento, articulado com as inúmeras sociedades científicas e academias, que abundavam no período, era de enorme importância como instituição de produção científica e tecnológica.

Divulgado em 1810, o Relatório Humboldt estabelecia o primado da pesquisa, realizando a proposta kantiana. Baseava-se numa premissa clara e muito simples; a base da verdade para o ensino das faculdades deverá ser a pesquisa científica. Do ponto de vista de organização do saber, a reforma humboldtiana consolidou o sistema de gestão académica com base no conceito de cátedra [katheder], instância de superposição orgânica da governança institucional com a repartição dos campos de conhecimento.

Neste conceito estendido à noção de "liberdade de cátedra", que ainda estrutura a nossa organização curricular, para cada disciplina científica, haveria um líder intelectual autônomo e responsável tanto pela gestão dos processos administrativos como pela gestão académica dos conteúdos curriculares.

A primeira universidade alemã moderna foi a Universidade de Berlim, organizada de acordo com os princípios e diretrizes do Relatório Humboldt.

Na Inglaterra, desenvolveu-se um outro modelo, com finalidades muito pragmáticas: atendendo às demandas económicas de um país que, no século XIX, era a maior potência industrial, militar e colonial do mundo e centro de uma economia em rápida expansão e profunda transformação. Por um lado, para a formação das elites, mantiveram-se as tradicionais Universidades de Oxford e Cambridge com o perfil aristocrático do cultivo do saber. Em paralelo, criou-se uma imensa rede de escolas superiores e institutos científi-

cos e tecnológicos, formando engenheiros, agrônomos, médicos, contadores e outros profissionais.

Entretanto em Portugal é no séc. XIX que, na capital, vão reaparecendo os estudos superiores: a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa (1836), a Escola de Farmácia (1836), a Escola Politécnica (1837) e o Curso Superior de Letras (1859).

Foram estas 4 escolas que a Constituição Universitária de 19 de Abril de 1911 mandou reunir na Universidade de Lisboa (criada por decreto de 22 de Março de 1911), alterando as suas denominações para aquelas que todos nós conhecemos na atualidade.

Nos Estados Unidos, as primeiras instituições superiores surgem no século XVII. Os primeiros Colleges não eram cópias de Oxford ou Cambridge, mas escolas utilitárias que procuravam atender às necessidades educativas das comunidades locais e preservar seus valores.

A forte tradição protestante da sociedade colonial norte-americana foi a motivação básica do esforço de alfabetização de sua população, possibilitando a todos o acesso direto aos textos bíblicos. Essa valorização da educação transformou a sociedade norte-americana numa das mais escolarizadas do mundo.

Uma reforma da educação superior, levada a cabo em 1860, dividiu a educação superior norte-americana em modelos bastante distintos: o primeiro, inspirado no modelo universitário alemão, representado pela Universidade de Harvard e a recém-criada Universidade John Hopkins, distanciava-se do utilitarismo para priorizar a investigação científica e o conhecimento humanístico, propiciando educação de alto nível e concessão de títulos doutorais. O segundo modelo, com duração de quatro anos, tinha uma concepção pragmática tendo como objetivo a preparação para o trabalho do dia-a-dia e a subida do nível cultural.

O modelo de arquitetura acadêmica baseado numa formação básica e flexível pré-graduada conduzindo a mestrados de formação profissional ou mestrados acadêmicos de transição para o doutora-

mento, resulta dessa reforma. Trata-se de adaptação do modelo adotado pelas universidades escocesas, que já estava implantado nos tradicionais colleges. Nessa tradição respeitavam-se, como exceções, as profissões que faziam parte das antigas faculdades superiores como por exemplo direito e medicina, onde a formação completa implicava um grau equivalente ao doutorado. O doutorado nesse sistema denomina-se Philosophy Doctor (cuja abreviatura, Ph.D., tornou-se mundialmente famosa) justamente por se tratar do grau doutoral da Faculdade de Filosofia. No plano organizativo, implantou-se o sistema departamental, com a separação entre gestão institucional (exercida pelos Deans das escolas e faculdades) e governação académica conduzida pelos departamentos, chefiados por professores titulares (Full Professor), superando o regime de cátedra vitalícia da universidade humboldtiana. Além disso, a universidade norte-americana resultante da Reforma Flexner fomentava a organização de institutos e centros de pesquisa autônomos dos departamentos, propiciando grande flexibilidade e autonomia aos pesquisadores individuais ou em grupos. O próprio Flexner foi posteriormente o criador do Institute for Advanced Studies de Princeton University, famoso por ter acolhido Albert Einstein, à época considerado o mais importante cientista do mundo.

Com poucas modificações esse modelo de gestão académica persiste em toda a América do Norte, sendo ainda compatível com os modelos de graduação das universidades britânicas e das universidades da Commonwealth, como Índia, África do Sul, Nova Zelândia, Austrália e Canadá.

A principal atualização desse modelo, após a crise institucional produzida pelos movimentos dos direitos civis dos anos 1960, consistiu na multiplicação de community colleges por todo o território norte-americano, massificando o acesso à universidade de segmentos sociais anteriormente excluídos do ensino superior.

Durante todo o século XIX e na primeira metade do século XX, a Europa conviveu com uma grande multiplicidade de mo-

delos de formação superior.

Praticamente cada país do continente europeu adotou a sua versão de sistema universitário diretamente gerado da universidade elitizada do século XVIII.

A Universidade de investigação inspirada na Reforma Humboldt consolidou-se na Alemanha e no Reino Unido. Na França, a rede de universidades convivia com os collèges (muito distintos dos colleges norte-americanos), com as écoles supérieures e com as écoles polytechniques. Nos países mediterrâneos, em especial na Itália, seguem-se ainda formatos setecentistas de formação profissional, com bacharelato. Em Portugal as diretrizes estruturais da universidade francesa, pré-reforma Bonaparte, ainda eram respeitadas.

Na realidade os países membros da União Europeia tinham um sistema de organização de ensino superior completamente próprio, autônomo, diferente e em tese difícil de compatibilizar com os demais. Com a consolidação da EU, tornou-se imperativo padronizar os sistemas de formação profissional entre os países signatários dos vários acordos de integração econômica e política. Esse debate começou com as negociações visando a formação da comunidade econômica europeia, culminando com o Compromisso de Lisboa em 1997. Em 1999, os ministros de educação dos países membros da União Europeia assinaram um tratado internacional, conhecido por Declaração de Bolonha, em que se comprometeram a implantar, até 2010, compatibilidade plena entre os sistemas universitários europeus. Esse acordo marcou o lançamento do chamado Processo de Bolonha, que desencadeou uma gigantesca e complexa reforma universitária em todos os países signatários e aderentes (já totalizam 46 nações) no sentido de adotar princípios e critérios comuns e compartilhados de creditação, avaliação, estruturas curriculares e mobilidade estudantil, na esfera do ensino superior.

Dizia, Ortega y Gasset que a Universidade não é só para estudantes e professores, não é um recinto ad usum delphinis. É uma instituição que se intromete na vida, que se envolve nas suas urgências e pai-

xões, que responde com serenidade ao frenesim, com lucidez à frivolidade, com perspicácia à estupidez.

Não há valor mais seguro do que a confiança que em nós deposita a sociedade. Sabemos da nossa obrigação de estar à altura desta confiança, projetando uma Universidade que sirva o país e o seu desenvolvimento.

A Universidade de Lisboa tem como objetivo consolidar a sua posição no espaço europeu do ensino superior. Para isso, precisamos de uma organização que se inspire nos melhores exemplos internacionais. Precisamos de valorizar os novos ambientes intelectuais, atraindo os melhores investigadores. A internacionalização faz parte da condição universitária, do dia-a-dia de estudantes, professores e investigadores desta casa. Todos os nossos projetos e programas são pensados a partir de uma referência internacional. Queremos medir-nos e comparar-nos com as melhores universidades europeias.

O Padre António Vieira dominava as palavras, mas sabia que elas não substituem as obras. É com as obras que a Universidade de Lisboa se compromete. É por elas que quer ser avaliada e julgada pelos portugueses: "O pregar que é falar, faz-se com a boca; o pregar que é semear, faz-se com a mão. Para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração, são necessárias obras"

Projetamo-nos no futuro através de um desígnio comum com a Universidade Técnica. A construção de uma nova Universidade de referência, erguida por vontade de todos e que aglutine a Universidade Clássica de Lisboa e a Universidade Técnica de Lisboa.

O projeto de fusão representa uma decisão ambiciosa que exige uma visão de futuro e a mobilização de equipas que traçam um caminho e o percorram com transparência e pragmatismo.

Uma decisão deste tipo, que não é imposta *de fora* mas antes construída por iniciativa própria, *de dentro*, impõe que as partes envolvidas, com um desígnio comum mas com prioridades não necessariamente coincidentes, se relacionem en-

tre si e com o exterior numa base de confiança, diálogo e participação. Trata-se de um processo que tem contado com uma importante colaboração dos docentes, investigadores, estudantes e trabalhadores não docentes das duas universidades.

É uma iniciativa que se lança com os olhos postos na premente necessidade de reorganizar a rede do ensino superior e de construir em Portugal universidades de investigação de nível mundial. Estamos perante um processo de mudança que demorará vários anos e que apela à clarividência e à responsabilidade dos universitários.

O Sistema de Ensino Superior em Portugal é constituído por 121 Instituições (IES) a que correspondem 338 Unidades Orgânicas (UO). Globalmente, corresponde a um universo de 4442 ciclos de estudos, com um total de 171.832 vagas (e cerca de 380 mil estudantes inscritos no ano letivo de 2010/11).

O sistema privado corresponde a cerca de 1/4 do total de ciclos de estudos do sistema, oferece 1/3 das vagas e representa pouco mais de 1/5 do total de inscritos, com 22% do sistema.

A dimensão média das instituições públicas é de cerca de 6800 alunos, enquanto no sub-sistema privado a dimensão média desce para cerca de 920 alunos por instituição.

Com a entrada em funcionamento da A3ES – Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior, em 2009, o Sistema de Ensino Superior foi submetido a um processo de avaliação e acreditação de todos os ciclos de estudos em funcionamento. A partir da mesma data, a oferta de novos ciclos de estudos, por parte das Instituições de Ensino Superior, passou a ficar também condicionada à acreditação prévia por parte da A3ES.

As universidades públicas oferecem um total de 2.126 ciclos de estudos, com quase 70 mil vagas e concentram, atualmente, cerca de 183 mil estudantes.

Os mestrados constituem o maior segmento da oferta das universidades públicas, com 1.017 ciclos de estudos, quase metade da totalidade dos ciclos de estu-

dos deste tipo de instituições.

Os doutoramentos são um dos pontos fortes das universidades públicas e, seguramente, um elemento estruturante de qualquer intervenção sobre o sistema de ensino superior. As universidades públicas oferecem atualmente, quase 500 ciclos de estudos de doutoramento.

Nas universidades públicas há um equilíbrio global entre a participação de homens (48%) e mulheres (52%), naturalmente associado à grande diversidade de áreas científicas e de formação da oferta. Os institutos politécnicos públicos oferecem um total de 965 ciclos de estudos, com 35.512 vagas e registam, atualmente, cerca de 109 mil estudantes inscritos. O ponto forte dos institutos politécnicos públicos são as licenciaturas que, no caso dos estudantes, correspondem a mais de 88% do total dos inscritos. Perante este panorama, muito resumido e atual da rede do Ensino Superior em Portugal, mais acreditamos que o percurso certo para o futuro é o que trilhamos com a preparação da fusão das duas Universidades.

As escolhas devem ser feitas com base em estudos e análises, de forma gradual, acompanhadas por uma monitorização permanente e uma avaliação independente. Este método expressa o que de melhor existe no espírito universitário: a capacidade de arriscar, de abrir caminhos novos, de os percorrer através de um rigoroso planeamento, de os avaliar e desse percurso prestar contas.

A fusão da Universidade de Lisboa e da Universidade Técnica de Lisboa deve ser vista como fator de inovação do sistema de ensino superior e como elemento de esperança num tempo decisivo para Portugal. Portugal precisa de universidades que sejam força de renovação, e não de inércia. Precisa da ousadia das suas elites. Temos de olhar para o país e abraçar um projeto de futuro para Portugal: construir em Lisboa uma universidade de referência mundial.

A proposta de criação de uma nova Universidade resulta da vontade de duas instituições centenárias de acompanhar a evolução do conhecimento na ciência, na

tecnologia, nas artes e nas humanidades e de fazer parte da contínua dinâmica de valorização das grandes universidades.

Não consideramos determinante a dimensão da nova Universidade. As grandes universidades não são necessariamente universidades grandes. Com cerca de 45000 estudantes, a nova Universidade terá uma dimensão média no plano europeu. O que conta, fundamentalmente, é o volume dos recursos humanos e financeiros, a qualidade dos professores e investigadores, a capacidade de atrair os melhores estudantes e de praticar investigação de excelência.

A complementaridade das áreas científicas das duas universidades é um fator muito importante, pois o objetivo deste projeto é a cobertura integral do leque das profissões centradas no conhecimento (de base universitária), como sucede na generalidade das universidades de referência.

A razão principal para a criação de uma nova Universidade reside na possibilidade de expandir a capacidade de investigação, de potenciar a fertilização mútua entre as disciplinas, os temas de fronteira e o trabalho em equipa.

A investigação é a fonte que alimenta uma educação humanística e científica, com base nas disciplinas e nas profissões, e que liga a universidade à sociedade através de processos dinâmicos de *valorização do conhecimento*. *A nossa visão é a de uma universidade de investigação comprometida com o ensino e a inovação, centrada nas pessoas, que promove o mérito no quadro de uma ligação forte à sociedade portuguesa e à cidade de Lisboa*. É neste sentido que falamos de uma Universidade de Lisboa no mundo.

As melhores instituições atraem os melhores estudantes e os melhores professores e investigadores e criam as condições para que realizem a sua atividade em ambientes criativos. A sua organização deve basear-se no mérito e numa avaliação independente que permita melhorar os desempenhos individuais e coletivos, num quadro de autonomia e liberdade académica.

A fusão deve ser encarada como uma

oportunidade para construir soluções que respondam a necessidades prementes da Universidade, em particular no plano da gestão e do rejuvenescimento dos seus quadros.

Cinco benefícios potenciais se apontam para a nova universidade

1.º Ciência – Apesar de haver algumas áreas de sobreposição, existe uma grande complementaridade entre as duas universidades o que permitirá construir um espaço amplo de produção de conhecimento e de investigação em áreas de fronteira, reforçando as dinâmicas de convergência, as iniciativas transversais e as "comunidades de prática".

2.º Ensino – A presença, numa mesma Universidade, das principais áreas do conhecimento e da cultura permitirá articular a oferta educativa, abrindo novos percursos de formação num quadro de mobilidade de docentes e estudantes e da criação de programas conjuntos, em particular de pós-graduação. Áreas como as Ciências da Vida e da Saúde, as Ciências Económicas e Sociais, as Artes e Humanidades ou as Ciências e Tecnologias poderão sair muito reforçadas desta associação.

3.º Serviço – Espera-se que da fusão resultem ganhos na eficiência e abrangência dos serviços prestados, designadamente numa perspectiva de partilha de serviços, respondendo também a novas tarefas e missões das universidades, designadamente na gestão de ciência, no suporte à internacionalização, na transferência de tecnologia e no apoio aos estudantes e diplomados.

4.º Cidade – A fusão permitirá à nova Universidade uma presença mais ativa na vida da cidade, num duplo sentido: a ligação à cidade de Lisboa e o fomento de atividades culturais, museológicas, artísticas e desportivas, bem como a melhoria da Ação Social; a intervenção na pólis, ilustrada por uma maior capacidade de influência social e política e pelo aumento da capacidade negocial com entidades públicas e privadas.

5.º Internacionalização – A nova Universidade, compreendendo um leque mais alargado de saberes, poderá potenciar o

lançamento de novas iniciativas de ensino e investigação que permitam uma presença mais efetiva no mundo, incluindo nos países de língua portuguesa e nos países emergentes de África, da Ásia e da América Latina.

A Universidade integra, no momento da sua criação, as 18 unidades orgânicas atualmente existentes nas duas universidades. A Universidade integra também um conjunto de outros serviços e unidades existentes nas duas universidades.

Na linha da tradição das duas universidades, a nova Universidade de Lisboa adota um modelo de organização que concede uma ampla autonomia às suas unidades orgânicas, respeitando o seu nome e a sua identidade e a forma como se relacionam interna e externamente.

A autonomia científica, cultural, pedagógica, administrativa, financeira e patrimonial das unidades orgânicas será a mais alargada possível, sem prejuízo do seu carácter diferenciado e evolutivo, respeitando os planos estratégicos da Universidade e das suas unidades, de acordo com os princípios de subsidiariedade e complementaridade.

Como dizia Adérito Sedas Nunes, fundador do Gabinete de Investigações Sociais, num artigo publicado em 1968 *na Análise Social intitulado "Sistema Universitário em Portugal: alguns mecanismos, efeitos e perspectivas do seu funcionamento"*: *"As Universidades operam uma seleção através de uma representação socialmente restritiva do aluno que estaria em condições de frequentá-las"*. Lembrava ainda um fenómeno significativo à época e para a qual a Universidade hoje, quase 5 décadas depois, deve estar atenta: a conquista de novos públicos e a Aprendizagem ao Longo da Vida.

Assim, hoje, nas circunstâncias e especificidades que não se confundem com as de então, é muito importante que as Universidades contrariem atavismos profundos da sociedade portuguesa e se assumam como portadoras de uma ideia de transformação, de desenvolvimento e de futuro da sociedade.

Com este arrazoado, tenho consumido a paciência alheia e abusado da vossa generosidade.

As universidades só podem ajudar a cumprir a Europa e o Futuro se tiverem uma ambição que vá muito para além das "reformas ou reformazinhas, que se limitam a modificar umas tantas coisas insignificantes ou quase insignificantes".

É urgente que nos alimentemos do mesmo impulso de mudança, da mesma coragem, da mesma ousadia de homens como Miller Guerra que, em 1970, discursava em plena Assembleia Nacional:

"Ao longo da história da nossa cultura deparam-se-nos duas tradições: a dos reformadores e a dos conservadores; os primeiros dão o avanço, os segundos estabilizam-no e, quantas vezes, o petrificam! Sou, claro está, pelos que reformam, criam, abrem horizontes às Universidades e à educação". Nesta fase da nossa vida coletiva precisamos de ideias pelas quais valha a pena fazer todos os sacrifícios, dobrar todos os cabos, mobilizar uma geração.

Abrimos a Universidade à sociedade, com responsabilidade e exigência, mas o que

verdadeiramente nos move é a ambição de ter em Lisboa uma Universidade de grande nível e prestígio internacional.

A generosidade de instituições que aceitam fazer este caminho, saindo das suas próprias fronteiras para se juntarem, para unirem esforços na criação de uma ideia nova, de uma nova universidade, merece o apoio dos portugueses. É um gesto, é um sinal de mudança que estamos a dar ao país.

Eis o que temos para oferecer: uma ambição, um projeto que combata o paroquialismo e nos dê um horizonte de futuro.

Sempre com os olhos postos em Portugal. Sempre com os olhos postos na liberdade. Liberdade que é sinónimo de compromisso. Temos nas mãos o futuro do país: na educação, na ciência, na inovação. A nossa responsabilidade tem o tamanho da nossa liberdade.

Temos nas mãos o futuro dos portugueses. Mas os portugueses têm nas mãos o nosso futuro. Nada conseguiremos sem o vosso apoio, sem a vossa confiança.

É esta causa final que deixamos convosco, que vos deixamos, pedindo-vos para se

baterem connosco por universidades que sejam capazes de imaginar, e de criar, um Portugal mais justo e mais livre, para se baterem connosco por universidades que sejam, como queria Ortega y Gasset, "um princípio promotor da história europeia". É tempo de concluir.

Nas sociedades contemporâneas, o conhecimento, no sentido mais amplo e diversificado (que recolhe prospetos lançados dos alvares da modernidade), adquiriu um peso qualitativo acrescido como fator de determinação no desenvolvimento económico-social e na capacidade de influência sobre o curso e transformação das realidades.

Com o lugar determinante do conhecimento no controlo, condução e destino do viver dos povos — o cultivo científico dos saberes tornou-se, no mundo de hoje, um dos pilares da soberania.

Há mudanças que deixam tudo na mesma (embora com outros paramentos). Há mudanças que, parecendo inovar, alteram levemente para pior. O verdadeiro desafio da mudança é a transformação que incorpora valor acrescentado.

BREVE CONVERSA SOBRE O MOVIMENTO SOROPTIMIST INTERNATIONAL

Maria Teresa Maia Carrilho

Muito boa tarde a todos. Antes de dar início a uma pequena conversa muito informal sobre este movimento, gostaria de agradecer à direção desta casa, Dr^a Fátima Lencastre e Dr. Alcindo Costa, ter-nos disponibilizado esta sala para o nosso encontro e de nos oferecerem, no final, um ótimo bombom: fado de Coimbra!

O meu agradecimento vai também para todos aqui presentes que se dignarem vir-nos fazer companhia. Muitos não puderam vir, por motivos profissionais

ou de saúde, ou outros.

Evidentemente, que este espaço fala por si. Estudei em Coimbra e, claro, Coimbra tem sempre muito encanto, e não só na hora da despedida! Nos estatutos desta Associação, estão contempladas conferências, reuniões, quaisquer outras realizações que desenvolvam a solidariedade.

O movimento de que vamos falar, denominado *Soroptimist International* é, também, um movimento de solidariedade. É a maior organização mundial de mulheres,

que tem por designio, promover os direitos humanos, com particular incidência no estatuto da mulher e da criança, melhorando as condições de saúde, a autoestima, promovendo a estabilidade em sociedades pós-conflitos, mediante a integração das crianças mais vulneráveis e mulheres jovens, em famílias e comunidades. É uma ONG, sem filiações políticas, económicas, raciais, religiosas. Tem estatuto consultivo em muitas áreas das nações unidas, como a UNICEF, UNESCO, FAO, Co-

missões para o Estatuto da Mulher, para os Direitos Humanos e o Alto Comissariado para os Refugiados, etc.

Surgiu nos Estados Unidos, em Oakland, Califórnia, em 1921, com uma senhora Violet Ward, que se recusou a deixar abater árvores antigas de grande porte. Resultado da sua iniciativa: a maior parte das árvores ainda lá está na floresta, a qual foi considerada zona protegida!

O movimento cedo se expandiu para todo o mundo, onde conta com 3000 clubes, em mais de 110 países.

Em Portugal surgiu em 1985 e conta com clubes em Lisboa, Porto, Setúbal, Caldas da Rainha e Évora, todos empenhados em apoiar programas e estratégias de intervenção nas áreas da saúde, educação e cultura, ecologia e ambiente, desenvolvimento económico e social.

Pertença a este movimento desde 1996, mais precisamente ao *Clube Soroptimist Lisboa Sete Colinas*, primeiramente denominado *Lisboa 2*.

Comecei por ser secretária, depois presidente nos biénios 2002-2004, 2006-2008 e 2010-2012. Fui coordenadora da Área de Boa vontade, de Educação e Cultura e, a nível da União de Portugal, estive como governadora-suplente, no encontro de governadoras, em Ghent, em 2010.

Porque gostará ela de ser soroptimista? perguntarão muitos de vós.

Em primeiro lugar, porque gosto de apoiar e dinamizar ações de ajuda a associações e aos mais fracos e necessitados. Depois, porque é interessante trocar ideias com soroptimistas de cá e de todo o mundo. Exs: Itália, Dinamarca, Noruega, Irlanda, Reino Unido, Estónia, Estados Unidos, etc, que se têm dedicado a apoiar ou criar projetos, em variadas áreas.

O meu clube traduziu e pagou a publicação de um livro dum jovem poeta timorense, vindo para Portugal, há alguns anos, e que se encontra, atualmente, a viver e trabalhar em Inglaterra.

O meu clube está, também, a prestar apoio à associação *Os Francisquinhos*, que se dedica a ajudar, especificamente, mães necessitadas e bebés prematuros, nascidos no Hospital de S.Francisco Xavier. Entre

outras coisas, já lhes oferecemos um aparelho para detetar anomalias auditivas.

O trabalho desta Associação é tão importante que a sua presidente e co-fundadora, Enfª Conceição Bénard recebeu a Ordem de Mérito, pelo ex-presidente Jorge Sampaio. Mais recentemente, foi galardoada por Aníbal Cavaco Silva a Enfª Cristina Flores, que, além de fazer cursos de preparação para parturientes, é um exemplo impressionante de ajuda aos bebés prematuros.

Não há muito mais tempo para recordar o que temos feito para prestar ajuda a refugiados, a pagar próteses para a Geórgia, etc, etc.

O mundo soroptimista é um excelente exemplo de solidariedade sem fronteiras. Eu vou continuar a ser soroptimista e a espalhar esta fé na solidariedade humana. Bem hajam por me ouvirem.

Antes de encerrar esta pequena conversa sobre Soroptimist International, passo palavra a três membros extraordinários, que muito fizeram e têm continuado a fazer, para expandir este movimento: à 1ª presidente soroptimista em Portugal, Drª Maria de Lurdes Bettencourt, que trabalhou com o Prof, Egas Moniz!!! Tem uma história de vida fabulosa...

É a vez de passar palavra a dois membros dinâmicos, que se têm desdobrado em múltiplas iniciativas, de modo a manter forte a União de Portugal: a atual presidente da União, Drª Luísa Ramires e a diretora de programas, Drª Lénia Lopes.

Depois de ouvirmos os testemunhos sobre Soroptimismo e porque Coimbra é sempre Coimbra, gostaria de recitar um poema que lhe dediquei há anos!

COIMBRA

Coimbra...não tem igual!
Tem um encanto tão especial!
Podemos viver muitos anos
E todos os anos renovamos
Nossos votos fervorosos
De nos encontrarmos
E de evocarmos
Aqueles tempos tão ditosos!
Oh, Coimbra!

Como te lembramos!
E como lamentamos
E até choramos
Por já não estar ali!
Queríamos voltar a subir
A escadaria para a universidade
Voltar a ver o velho hospital
E até mesmo visitar a Sé
E passear pelo Choupal!

E como sentimos ainda
O incontrolável impulso
De ir para a baixa a correr
Para a "latada" ver
E para nos misturarmos
E confraternizarmos
Com toda a gente
Que também sente
A alma de Coimbra a vibrar...

Oh! Lembramos todas as brincadeiras
E o nosso humor de estudantes!
E como continuamos infantes
Mesmo sentindo os anos a passar...

Queríamos continuar a ser praxados
A ser ardidosamente presenteados
Pelos mais velhos "doutores"
Que, sempre arrogantes,
Ficarão sempre triunfantes
Perante o caloiro recém-chegado
Que, mesmo amedrontado,
Para não ficar mal conceituado
Tudo faz para lhes agradar!

Queríamos voltar a ter a "Queima"
E a mostrar a nossa rebeldia e teima
E a nossa ingenuidade
E tanta criatividade
Que até faz pasmar!
E hoje, já maduros,
Como continuamos infantes,
Mesmo vendo os anos a avançar...
Só porque evocamos Coimbra,
As lágrimas afloram aos olhos
E, de imediato, compomos um fado,
Para aliviar o íntimo, tão abalado!

E assim, mais uma vez
Queríamos ser infantes
Só para não ter de ver o tempo,
Esse tempo, tão depressa a passar...



OS NOSSOS PASSEIOS

CÁ DENTRO

VIAGEM AOS AÇORES

9 a 18 de Maio de 2012

Maria Emília da Silva Marques



Os participantes na ilha das Flores

Dia 9 – Quarta-feira – Comparência no aeroporto às 4 da manhã. Tínhamos um bom grupo com 42 pessoas todas prontas para avançar para uma bela aventura. 06h30 – embarque num *Airbus 310* da Sata com destino à Ilha das Flores (com escala em Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel).

Mas... há sempre um mas avaria-se uma porta do avião; a porta não fechava! Vá de sair toda a gente do avião e esperar nova partida. E lá partimos para as Flores onde fomos recebidos com chuva, vento e frio. Instalados no Hotel das Flores, seguiu-se o almoço que nos deu o conforto e vigor para seguirmos com o nosso programa...

Visita à Ilha das Flores debaixo de uma grande chuvada, muito vento e muito nevoeiro que prejudicou a apreciação desta paisagem impressionante. Tudo é

verde, aparecendo-nos continuamente os mais diferentes matizados de verde; cascatas descem das encostas em grande velocidade e grande caudal por ter chovido muito. Entre a Caldeira Funda e a Caldeira Rasa parámos no Miradouro, lutando contra o grande temporal.

Dia 10 - A visita à Ilha do Corvo foi anulada porque... não tínhamos lancha! A separar-nos, um mar agitado com ondas de 5 metros!! E surgiu outra solução: visitar a Ilha das Flores com um dia de sol, sem chuva e sem nevoeiro. A paisagem aparece-nos diferente, com a Lagoa Rasa em cima e a Lagoa Funda em baixo, coelhos em liberdade, montes, Lagoa Negra, a Fajã Grande com as suas lindas cascatas ao fundo, o Ilhéu de Monchique, o Miradouro dos Bordões com a Rocha dos Bordões, lava solidificada no sentido da vertical, e ainda o Miradouro do Lajedo.

Parámos em Lajes das Flores e visitámos a Igreja de N.ª Sr.ª do Rosário. Aqui é o concelho mais ocidental da Europa.

À tarde a chuva acabou! Haja Deus! como diz a Fátima. Com a paisagem limpa, seguimos por Caveira até S.ta Cruz das Flores, que tem um aeroporto, e visitámos a Igreja de N.ª Sr.ª da Conceição. Após o almoço no Hotel das Flores (estávamos todos bem precisados deste repasto!!), visitámos o Centro de Interpretação Ambiental do Boqueiral em S.ta Cruz das Flores.

Ao jantar no hotel seguiu-se uma noite de folia que um grupo de jovens nos proporcionou. Havia um grupo de tocadores e um grupo de bailadores que nos puxaram para dançar e puseram o grupo em grande agitação a ver quem melhor batia o pé ao som da Chamarrita!

Dia 11 - Tivemos oportunidade de ver a Ilha das Flores praticamente sem chuva e

sem nevoeiro, o que nos permitiu observar a deliciosa paisagem verde no nordeste, pela Baía de Alagoa, Ponta da Ruiva, Ponta Delgada (freguesia) cujos habitantes são chamados de "Queimados" porque em tempos idos havia muitos fogos nesta freguesia. Aqui parámos no café "Pescador" onde tomámos café. Continuando a jornada, passámos pelo Farol de Albernaz que de início era activado manualmente. Continuando fizemos nova paragem em Cedros onde comprámos biscoitos. Regressámos ao Hotel onde nos foi servido um snack.

De tarde, rumo à Ilha de S. Miguel – aeroporto de Ponta Delgada João Paulo II, passeio panorâmico pela cidade e instalação no Hotel do Colégio.

Dia 12 – Manhã sem chuva e com o céu limpo. Saímos passando por Rosto do Cão, com areia negra de basalto, e pela Lagoa de Remédios, donde se avista uma bela paisagem sobre Ponta Delgada. Mas a chuva e nevoeiro intenso acompanharam-nos na visita, com aberturas no Miradouro da Lagoa do Fogo, seguimos para a cidade da Ribeira Grande, mas o autocarro parou para deixar passar uma manada de vacas leiteiras! ... e não estamos na Índia!!! Aqui as vacas também têm prioridade! Visitámos a Igreja local, a Fábrica de Chá

Gorreana, seguimos para o Pico do Ferro (com mais de 600 metros de altura), e para o Vale das Furnas ver desenterrar o cozido e apreciar toda aquela envolvência de vapores e "fervuras". Seguimos para o Restaurante do Hotel Terra Nostra para saborear o cozido e visitar o Parque Terra Nostra.

Regresso por Vila Franca do Canejo em direcção à Lagoa das Sete Cidades que – milagre! – ostentava uma visibilidade total. À noite, houve fogo de artifício. É o começo das Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

Dia 13 – Domingo – Dia livre. Festa do Senhor Santo Cristo, com sol, céu limpo, sem vento e temperatura muito amena; assim decorreu a Missa Campal. Mas..., à hora da Procissão do Senhor Santo Cristo, começou a chover e não mais parou!! Depois da Procissão fomos ver o Convento de S. Francisco dos Milagres e a profusão de flores não tem explicação. Só visto! Durante a manhã foi a azáfama a enfeitar as ruas; e alguns de nós colaboraram, o que foi divertido porque foi pouco tempo, que aquele trabalho cansa...

Dia 14 – Saída a pé para visitar o Palácio do "Governador" – Palácio de Santana onde se situa a Presidência do Governo Regional dos Açores; visita especial ofe-

recida pela Esposa do Presidente do Governo à nossa presidente. Cerca das 13h00 saída com destino à Ilha de S. Jorge; já na sala de embarque, surgiu outro mas... voo cancelado por motivo de temporal em S. Jorge. Levantar as malas e repetir tudo outra vez! Alojamento no Hotel VIP Executive a expensas da Sata. Quando saímos do aeroporto já chovia novamente. Céu muito pesado, tecto muito baixo devido ao intenso nevoeiro. Dia 15 – Sol esplendoroso! Saída do Hotel VIP Executive, rumo à Ilha de S. Jorge ou Ilha do Dragão, muito montanhosa, com 58 km de comprimento, que nos recebeu com vento e chuva, mas avançámos de autocarro passando por Urzelina e Mandas, onde parámos para apreciar a beleza e riqueza da Igreja de S.ta Bárbara com um conjunto de Arte Sacra antiquíssima. Altar em talha dourada e sob o Altar o corpo do Senhor Santo Cristo morto. Seguimos até Calheta onde almoçámos no Restaurante "Os Amigos". Comemos inhame como acompanhamento (é uma raiz muito abundante na Ilha e muito utilizada na alimentação e que tem grande valor nutritivo). Os locais dedicam-se à criação de gado e produção de queijo. Tem mais ou menos 9000 habitantes. Porto da Calheta serve de piscina natural.



Foto de família na Lagoa das Sete Cidades

Saímos do restaurante em direcção a Velas – a capital da Ilha de S. Jorge. Nesta Ilha realizam-se as célebres touradas à corda. Passámos o Miradouro de Cubres, donde se avistam as Ilhas Terceira e Graciosa. Seguimos para o Miradouro do Ouvidouro, onde se viam o mar calmo e transparente e a Fajã do Ouvidouro. Alojamento no Hotel S. Jorge em Velas.

Dia 16 - Partida de autocarro para um passeio na vila de Velas, com visita à sua Igreja de N.ª Sr.ª do Rosário, a Igreja Matriz. Seguimos rumo à Ilha Graciosa, com escala na Ilha Terceira. Aterragem na capital, S.ta Cruz da Graciosa, algum vento, enevoadado, mas não chove. Saída em autocarro do aeroporto da Graciosa para o almoço no Restaurante Aroma, passando pelo centro de Santa Cruz. Refeitos com o repasto, saímos para um passeio a pé pela Graciosa, visitando a Igreja Matriz, também chamada Igreja de S.ta Cruz. Esta Igreja tem também debaixo do altar um esquete do Senhor Morto e uma imagem de S. José com o Menino pela mão (o que não é muito comum) olhando um para o outro com ternura. De seguida, visitámos o Museu da Graciosa dedicado à faina da baleação e o Barracão das canoas baleeiras – a Restringa. A baleação terminou em 1982. A Graciosa tem falta de água, tem de gerir muito bem o seu consumo. Passámos pelas Termas do Carrapato e observámos as "curreletas", sítios com formato próprio onde se desenvolvem as videiras, onde é produzido o vinho próprio da região.

Dia 17 - Começámos por um passeio pela Ilha Graciosa, e visita às 3 ermidas: da Ajuda, de S. João e S. Salvador. Do cimo do monte das 3 ermidas via-se uma Praça de Touros, no fundo de uma cratera! Visita maravilhosa desta colina! A Graciosa é mais plana. Saímos do Monte das 3 Ermidas em direcção a Vila da Praia ou Lagoa. Vêem-se muitas manadas de vacas. Parámos em S. Mateus para tomar café, seguimos para Caldeira e Furna do Enxofre (lago subterrâneo), de difícil acesso, a desafiar os mais afoitos (que ainda foram muitos – viva a juventude!). Gruta da Moira Encantada onde



Os participantes no Monte Brasil

atravessámos um túnel. Fomos seguindo pelo Farol da Restringa. Daqui avista-se o Ilhéu de Baixo, área protegida por nela nidificarem aves protegidas: garajares-rosados e os cagarros. Daqui avistamos a Ilha de S. Jorge em toda a sua extensão. Seguimos para as Termas do Carrapacho, Guadalupe e Vitória e daqui para o aeroporto, rumo à Ilha Terceira que é a terceira maior ilha dos Açores (35 mil habitantes). Seguimos pela via rápida Vitorino Nemésio (23 km) até Angra do Heroísmo. Angra quer dizer "porto seguro". Em todas as localidades há capelas em honra do Espírito Santo, chamadas "Impérios" (79). À entrada de Angra existe um Monumento ao Touro, que é soberbo, a Monumental Praça de Touros e o Jardim do Duque da Terceira. Dando um passeio pela cidade com um pequeno grupo, esta cidade fez-nos lembrar Ponte de Lima, não só pela sua construção mas, principalmente, pelo aspecto das suas varandas. Após o jantar houve actuação de um Rancho da Terceira que nos agradou e divertiu.

Dia 18 - Visitámos a cidade de Angra: o Alto das Covas e Monte Brasil – varanda verde da cidade. O Parque de S. João Baptista é uma área Militar; Monte Brasil é uma área de lazer e Parque Florestal. Seguimos para a Caldeira de Monte Brasil com uma vista estuenda sobre a cidade.

Paragem no Convento de S. Gonçalo, convento de irmãs Clarissas. Hoje é também local de recolhimento e recebe pessoas que não têm família e que aqui fazem a sua vida habitual. Do séc. XVI (1542), tem uma Igreja rica em talha dourada, pinturas e azulejos. Seguimos em direcção à Praia da Vitória passando por Ribeirinha, Feteira, Porto Judeu (porto de pesca), S. Sebastião. Pequena paragem para visitar a Igreja. Seguimos para Porto Martins que é uma zona balnear com piscina natural e para o Pico Capitão, o mais alto da região e onde havia sempre um vigia. O dia 11 de Agosto de 1829 - batalha entre liberais e miguelistas – é o dia da Cidade. Seguimos para a Praia da Vitória onde nasceu Vitorino Nemésio (Se bem me lembro...). Aqui é frequente encontrar americanos da Base das Lajes.

Saída de autocarro a caminho da Serra do Ceirne – Miradouro do Sagrado Coração de Maria – Miradouro da Ilha! Seguindo para o interior, vamos avistando a bela "manta de retalhos", onde se cria o gado leiteiro. Descemos até à via rápida em direcção a Angra de Heroísmo e seguimos para as "veredas" onde é criado o gado bravo; é a zona das ganadarias e terminámos nos Biscoitos. Os Biscoitos só visto, não sei descrever! É uma grande extensão de rochas redondas como que arrumadas umas sobre as outras, como biscoitos numa caixa. Ainda visitámos a

Gruta do Algar do Carvão. Aqui os animais desapareciam sem deixar rasto e foi então que descobriram um buraco de cerca de 25 metros de largura. É a única chaminé vulcânica visitável, no mundo. Alguns de nós "atreveram-se" a descer aquelas profundezas de meter medo; outros ficaram-se pelo Bar de Apoio a tomar um café. Fazia muito frio e vento. Bem no fundo desde Algar há emanções de enxofre, o que limita a sua descida como método de precaução. Aqui soube-

mos que íamos ter mais um mas... só haverá voo à 1 da manhã do dia 19, porque há greve dos controladores aéreos, o que nos obrigou a um esforço suplementar. Não choveu todo o dia, e ainda bem. Às 19h00 estávamos no aeroporto das Lajes para uma longa espera!!

Dia 19 – 1h30 partida do aeroporto das Lajes com destino a Lisboa num avião da TAP.

4h30 chegada a Lisboa.

Viagem cansativa mas muito agradável,

não só pelo percurso mas, principalmente, pelo companheirismo e espírito de entreatajuda que sempre existiu.

PS: Falta uma referência.

Não podemos esquecer o nosso 1º guia, Marco de seu nome, que com o seu discurso fluente e fácil nos descreveu as belezas da Ilha das Flores para que não mais a possamos esquecer (ou será que é pós-samos?). E com este registo divertido terminamos este "trabalho".

A VOZ DA FILANTRÓPICA

Mantêm-se as duas vias de actuação: a directa e personalizada, através dos "parabéns" enviados a cada aniversariante; e a mais visível e colectiva, com os aguardados e muito concorridos "Chá dos Reis" e "Chá da Primavera", engalanados e servidos com carinho pelas obreiras sempre a postos para ajudar sem nada receber em troca (como é timbre dos que vivem o autêntico espírito académico...).

Isto sem prejuízo da procura de soluções que clamem a sua intervenção, material ou imaterial.



Participantes no Chá da Primavera

VISITAS LOCAIS

No I Semestre de 2012 foram realizadas as seguintes visitas:

- 26 de Janeiro (5ª feira) – Visita guiada ao Museu Nacional de Arte Antiga (na Rua das Janelas Verdes), à exposição temporária "Cuerpos de Dolor".
- 28 de Fevereiro (3ª feira) – Visita guiada à Casa do Alentejo (Palácio Alverca), na Rua das Portas de S.to Antão, 58.
- 29 de Março (5ª feira) – Visita ao Museu do Teatro Romano (Travessa do Aljube, nº 5).
- 17 de Abril (3ª feira) – Visita à Igreja e ao Convento dos Paulistas (Calçada do Combro, nº 82).
- 22 de Maio (3ª feira) – Visita ao Palácio Palmela / Procuradoria-Geral da República (Rua da Escola Politécnica, 140 – ao Rato).
- 20 de Junho (4ª feira) – Visita ao Palácio dos Condes de Óbidos (Cruz Vermelha - Jardim 9 de Abril, 1 – às Janelas Verdes, junto ao Museu N. de Arte Antiga).

Registamos que as visitas decorreram com muito agrado para os participantes.

Renovamos o nosso agradecimento aos guias que acompanharam as visitas, pela disponibilidade e capacidade explicativa demonstradas.



OS NOSSOS POETAS

Homem Só, Meu Irmão

Letra e música: Luiz Goes

Tu, a quem a vida pouco deu,
que deste o nada que foi teu
em gestos desmedidos...

Tu, a quem ninguém estendeu a mão
e mendigas o pão dos teus sentidos,
homem só, meu irmão!

Tu, que andas em busca da verdade
e só encontras falsidade
em cada sentimento,
inventa, inventa, amigo, uma canção
que dure para além deste momento,
homem só, meu irmão!

Tu, que nesta vida te perdeste
e nunca a mitos te vendeste
– dura solidão –,
faz dessa solidão teu chão sagrado,
agarra bem teu leme ou teu arado,
homem só, meu irmão!

Poema para Um Menino

Letra e música: Luiz Goes

Menino sem amor nascido,
menino sem amor gerado,
tão puro como um chão de trigo
crescido sem ser semeado...
Quando à noite houver luar,
mesmo que seja de frio,
desce o rio, faz-te ao mar
– cabe lá sempre um navio!
Menino que de mim chegaste,
menino que de mim partiste,
chorei-me quando tu choraste,
sorri-me quando tu sorriste...
Quando à noite houver luar,
mesmo que seja de frio,
sem navio p'ra embarcar,
– seja eu o teu navio!

É Preciso Acreditar

Poema: Leonel Neves e Música: Luiz Goes

É preciso acreditar!
É preciso acreditar
que o sorriso de quem passa
é um bem p'ra se guardar;
que é luar ou sol de graça
que nos vem alumiar,
com amor, alumiar!

É preciso acreditar!
É preciso acreditar
que a canção de quem trabalha
é um bem p'ra se guardar;
que não há nada que valha
a vontade de cantar,
a qualquer hora cantar!

É preciso acreditar!
É preciso acreditar
que uma vela ao longe solta
é um bem p'ra se guardar;
que se um barco parte ou volta,
passará no alto mar
e que é livre o alto mar!

É preciso acreditar!
É preciso acreditar
que esta chuva que nos molha
é um bem p'ra se guardar;
que sempre há terra que colha
um ribeiro a despertar
para um pão por despertar!

Romagem à Lapa

- Luís Goes

Se um dia a vida parasse
E a gente voltasse
Ao tempo que havia
E se o Mondego passasse
E a todos levasse
A um velho dia
Talvez a lapa cantasse
E em pedra gravasse
A nossa alegria
Talvez a lapa sorrisse
E à pedra se ouvisse:
"Olá poesia"

Se agora o rio pudesse
Juntar quem padece
De tal nostalgia
E tanta gente viesse
Sem sonhos nem preces
E sem rebeldia
Talvez a lapa chorasse
E em pedra gravasse
A nossa agonia
Talvez a lapa sofresse
E à pedra dissesse:
"Adeus, poesia..."

(Retirado do sítio das FANS <http://fans.no.sapo.pt/musicas.htm>)

APOIO À BRIOSA

- VITÓRIA DA ACADÉMICA NA TAÇA DE PORTUGAL 2011/2012

F.R.A.



Académica faz história de novo

A Associação Académica de Coimbra /O.A.F. venceu a Taça de Portugal em futebol derrotando o Sporting Club de Portugal no jogo da final, realizado no Estádio Nacional, no Jamor, em Lisboa, no dia 21 de Maio de 2012. O resultado final foi de 1-0, com um golo solitário do Marinho nos minutos iniciais do jogo.

Esta conquista voltou a inscrever o nome da Briosa na lista dos vencedores desta competição, após 73 anos da conquista da primeira taça. Recorde-se que esta tinha sido exibida na última gala de aniversário da Tomada da Bastilha, no Casino Estoril.

A nossa Associação dinamizou a participação dos associados e simpatizantes através da aquisição de mais de 120 bilhetes, do apoio ao fornecimento de cerca de 160 almoços, nas imediações do local do jogo, e da oferta de uma camisola alusiva a esta data especial que ficará para sempre na nossa memória.

No calor das comemorações recebemos o seguinte e-mail académico que, com autorização do seu autor, Rui Dinis, aqui partilhamos, sublinhando a sua proposta.

Viva a Académica! Brrriiooosaaa!

EMAIL

ACADÉMICA - SPORTING

Rui Nelson Dinis

Cheguei caloiro a Coimbra em 1984 (já lá vão quase 30 anos...). Debutei no Beco da Boa União, entre as P*da baixinha, trepei durante anos o quebra-costas a caminho da Faculdade, de ano para ano cada vez mais tarde, cansado e de olhos vinçados pelo peso da reflexão e responsabilidade sobre o futuro do mundo. Umas pelo estudo arrastado, outras pelas noites de filosofia (prática), de mundividências e política, mas sobretudo de Amor pela vida e pelos Seres Humanos (não vou falar em gajas, descansem...).

Cresci por ali, a caminho da Faculdade, a beber cerveja e a sonhar com Lentes, sebatas e colegas. Aprendi a amar Coimbra e a Académica, pelas barbas do gargalo, as folhas dos códigos, as pedras da Sé Velha e o conforto da capa nas noites frias e de coração quente. Paguei um preço alto, porque durante a minha juventude, ao contrário das prosaicas escolhas de carreira dos meus amigos, só queria ser, quando crescesse, estudante de Coimbra! Não esqueço a minha primeira visita à Associação Académica, a olhar parvo para as suas paredes, cheias de apelos às mais

variadas causas, paixões e modalidades. Recordo que havia sessões de filosofia transcendental anunciadas entre apelos a aulas de Viola, a inscrições na esgrima, o Não ao Nuclear e um abaixo-assinado contra o *Nesquik* dado às criancinhas... Foi o deslumbramento, que apagou 6 meses de estudo, onde mal pus os pés nas salas dos Gerais.

Acabada a desgraça e o dinheiro da cerveja, enterrada a primeira Queima das Fitas, a meio de 1985, lá arribei e pus-me a estudar, ameaçado pelo meu saudoso pai, de que me punha a trabalhar nas obras (o degredo, para um saloio da minha aldeia, era trabalhar nas obras, claro está, pena que ainda manteenho...). Valeu-me então uma cura forçada, derrubado por uma apendicite aguda, depois de uma noite a serrar chouriço e presunto, regado a tinto alentejano, que me mergulhou no hospital e na cama, onde desatei a estudar, por falta de ócio mais ativo. Em Maio fiz timidamente a primeira cadeira (Direito Romano...), mas em Julho, qual milagre, tinha passado de ano!

A vida continuou, a paixão acelerou o academismo num feitiço de Lua. Durante muitos anos, a vitória histórica na 1ª Taça de Portugal, décadas antes, foi uma forma da Lua perdida para todos nós, um sonho de gerações, que começava em quarto crescente e acabava minguante, pois nunca mais ganhámos nada. Lua mentirosa. Ouvíamos contar as histórias, entre copos e modas da Estudantina, mas a verdade é que a Taça era uma miragem, uma Lua Nova despida, tão (in)certa como um dia ser inaugurado o Museu Académico.

A verdade é que tivemos Museu e ontem, pé ante pé, a Lua Cheia: ganhámos o "caneco" novamente! Foi um sonho perdido, merecido e reconquistado. Desejado. Amado sem o ter. Foi

um dia de glória briosa. À boa maneira, tivemos festa, cantoria, garrafas e porco às voltas no espeto. Foi uma tarde como só Coimbra e a Académica sabem dar, num país esquizofrénico, impaciente e descrente de si próprio.

Foi uma festa única e, esperamos, mais vezes repetida. Assisti, de forma burocrática, a diversas finais de Taça de Portugal, com os mais variados intervenientes. Nunca viu aquele estádio, seguramente, um espírito como este. Capas e pastas, festa e alegria, os gritos académicos, as canções, a celebração da vida, das pessoas e do futuro. A esperança. Coimbra e a sua Académica são um estandarte de esperança. Foram e, desejamos, continuarão a ser sempre.

E a festa foi longa e intensa como sempre. Adormeci ontem melhor que nunca, a sonhar com a Lua verdadeira.

Acordei em sobressalto esta madrugada! Fui ler na net, despojado na cama, os jornais desta manhã, só para ter a certeza: ganhámos mesmo! A Taça é nossa! Olhei tranquilo para a Carla, ao meu lado deitada, minha radical e apaixonada companheira de ontem e a única namorada que não tive então, mas que merecia ter, naqueles tempos em Coimbra.

Voltei a xonar tranquilo, e a pensar, "porque Diabo não fazem um Decreto ou uma Lei a definir, para todo o sempre, que a final da Taça de Portugal deveria ser sempre entre a Académica e o outro clube que se apurasse para tal?". Emídio, pensa nisso! Nós merecíamos estar lá sempre. Ninguém faz nem saboreia uma festa daquelas como nós. Venham mais destas!

Agradeço à malta que acarinhou a nossa participação na festa, incluindo o defunto suíno. Abraços e beijinhos. Até à próxima, que até os comemos!



O porco no espeto para o almoço retemperador



Momento da entrega da taça à AAC

Como de costume apresentamos alguns sítios e blogues com destaque no tratamento de temas académicos. Fica a chamada de atenção e o convite para os visitarem demoradamente, lendo os textos na íntegra na internet...

Serenata Monumental

<http://www.queimadasfitas.org/index.php/tradicao> | 4 | MAI | 12 – 00H00

A Sé Velha receberá mais um ano a tradicional Serenata Monumental. Soarão às 00H00 os primeiros acordes de guitarra anunciando a chegada de mais uma semana de Queima das Fitas. Tradição que remonta a 1949, a Serenata Monumental é dos momentos mais marcantes na vida

de um estudante de Coimbra. Alguns lembrar-se-ão da Serenata Monumental da Queima das Fitas 2012 como a primeira vez em que lhes é traçada a capa, outros, tentarão conter as teimosas lágrimas... chegou, para estes, o momento de dizer adeus a uma etapa que não mais se repetirá.

A cor das Fitas, a Saudade e a Alegria misturaram-se nesta noite à exímia manifestação da Canção de Coimbra protagonizada pelos Grupos de Fado Rapsódia, Canto da Noite e In Illo Tempore da Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra.

António Manuel Nunes no Teatro Paulo Quintela

**Saberes e representações em textos sobre o chamado “fado de Coimbra”:
um trinténio de produção de narrativas (1978-2010);**

http://guitarrasdecoimbra2.blogspot.pt/2012_05_27_archive.html | 29 | MAI | 12 – TERÇA-FEIRA

A presente abordagem procura identificar as principais publicações que entre 1978-2010 se ocuparam do universo da Canção de Coimbra

(CC), designada em linguagem corrente por Fado de Coimbra. Seguindo Roger Chartier, a produção de textos é considerada um impor-

tante instrumento de construção da identidade dos cultores e de assimilação e reprodução de representações sobre o objecto em análise. (...)

Roteiro – Coimbra é uma canção

Fomos à procura dos locais onde se pode ouvir o fado desta cidade

<http://visao.sapo.pt/coimbra-e-uma-cancao=f672061> | Renato Maia (texto) e Filipe Paiva (fotos) | 29 | JUN | 12

À entrada, uma passadeira vermelha estende-se até ao palco. Depois de fechadas as cortinas, parte-se para uma viagem documental, em projeção multimédia, que explica as características do fado e da guitarra de Coimbra. Faz-se silêncio: porque se vai cantar o fado! Os artistas, envoltos nas suas capas negras, soltam os acordes e a voz para dar vida a temas imortais como Saudades de Coimbra ou Balada da Despedida. "O nosso espetáculo tenta recriar uma serenata de Coimbra, onde o amor é tema central", explica João Farinha, fadista e um dos promotores

da casa Fado ao Centro. As paredes estão recheadas de lembranças da vida académica: fitas, caricaturas, códigos de praxe, bilhetes para a queima das fitas...

Também fotos, muitas fotos, de Luís Goes, José Afonso, Adriano Correia de Oliveira e António Portugal. É uma enorme imagem da Monumental Serenata da Queima das Fitas, na Sé Velha.

Ao longo do espetáculo, canções de amor e nostalgia tomam conta dos presentes na sala. Repetem-se palmas e vê-se brilho no olhar de quem ouve atentamente. Uma turista brasileira,

entranhada nas especificidades da canção de Coimbra, exalta: "Isto não é fado de Lisboa." O que mais surpreende os turistas é a forma de cantar, que muitos comparam à ópera. Entre músicas o fadista vai contando histórias e partilhando experiências. O espetáculo não acaba sem que antes se oiça Coimbra tem mais encanto/Na hora da despedida. À saída os turistas levam discos dos artistas do Fado ao Centro, a quem pedem autógrafos e perguntam sobre o significado das fitas e dos rasgões nas capas. (...)

ONDE SE PODE OUVIR FADO EM COIMBRA

FADO AO CENTRO – R. Quebra Costas, 7 - Seg-Dom 18h (aprox. 50 min.) – www.fadoaoacento.com; À CAPELLA – R. Corpo de Deus, Lg. da Vitória Capela Nossa Sr.ª da Vitória - Seg-Dom 20h-3h – www.acapella.com.pt; CAFÉ SANTA CRUZ – Pç. 8 de Maio - Jul-Set: Seg-Dom 22h. – www.cafesantacruz.com; BE FADO – R. Adelino Veiga, 33 - Qui-Sáb 22h; DILIGÊNCIA BAR – R. Nova, 30 - Seg-Dom 19h-02h30. – (Fado e outros géneros musicais).

01.

JANTARES MENSAIS

Dos previstos e anunciados para os cinco meses, apenas se realizaram em Março, Maio e Junho, por falta de quórum mínimo, devido, todos o sabemos, a condições climáticas pouco favoráveis e, também, ao espírito de contenção que, justificada ou injustificadamente, se foi apossando de muitos.

Não obstante, os convívios conseguidos mantiveram bem viva a solidariedade e a alegria na saudação aos aniversariantes (ausentes e presentes) desses meses:



O bem disposto grupo aniversariante

02.

FOLIA DO CARNAVAL

No mesmo Altis Park Hotel e seu aprovado buffet, é o pretexto mais abrangente para pôr à prova o sentido de humor na aceitação como verdadeiro do "bolo fingido" de aniversário (que antecede o genuíno e saboroso, claro), a jovialidade que os 82 participantes continuam a manifestar ao som de uma nova orquestra – Grupo Vintage –, constituída por jovens que aliam os ritmos mais modernos com as melodias de outros tempos..



Os divertidos foliões de Carnaval

03.

ASSEMBLEIA-GERAL ORDINÁRIA

Em obediência a imperativos estatutários, realizou-se em Março, com a aprovação, por unanimidade e voto de louvor à Direcção, do relatório de actividades e contas do exercício de 2011.

04.

ENCONTRO DOS "TURCOS"

Aberto, como sempre, este convívio a todos os Associados, serviu para rever a Viagem à Turquia, escolher as melhores fotos em concurso (e premiadas devidamente...) e saborear o tal repasto do fim da tarde.

05.

FESTA DOS SANTOS POPULARES / PASSEIO A SANTARÉM

O COSTUMADO Passeio da Primavera teve de ceder espaço à Viagem aos Açores.

Assim – e para não sobrecarregar a bolsa de cada um – venceu o 2 em 1: no fim-de-semana de 23 e 24 de Junho, o passeio a Santarém e arredores compor-tou visitas à Casa-Museu dos Patudos

(em Alpiarça), aos Conventos de S. Francisco e de Almoester, à Casa-Museu Passos Canavarro e às Igrejas e monumentos de Santarém (o ex-libris "Portas do Sol"); integrou um Festival do Rancho Folclórico do Bairro de Santarém e um jantar típico (as sardinhas e febras) em

condições de espaço e serviço menos aceitáveis pela maioria dos 49 participantes, mas que foram superados por outras compensações, a principal das quais é – como sempre – a alegria de festejarem juntos mais um evento.

06.

COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- **O Reitor da Universidade de Coimbra** convidou-nos para a inauguração da exposição "O Mapa do Mar" de Fernando Calhau, no dia 31 de Março.
- **A Casa dos Açores em Lisboa** "já não pode dispensar" a nossa presença na sua gala anual (85º aniversário), neste ano enaltecida com a presença do Presidente do Governo Regional dos Açores, Carlos César e sua Esposa, que teve a gentileza de abrir as portas do Palácio do Governador – Palácio de Santana, onde se situa a Presidência do Governo Regional, aos participantes na Viagem aos Açores, com visita guiada.
- **A Assembleia da República** convidou-nos a assistir à Sessão Evocativa de José Afonso "Cantar Zeca Afonso", nos Passos Perdidos, no dia 26 de Abril, com declamação de poemas de Zeca Afonso e de Manuel Alegre para Zeca Afonso e a entoação de várias canções e baladas pelo Coro da Assembleia da República.
- **A Associação Académica** de Coimbra convoca sempre esta Associação para os seus eventos.
- **A Universidade de Lisboa** continua a dar-nos conta e a requerer a nossa presença nas suas iniciativas culturais.

07.

NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...

... em 2012 (até Junho) foram :

Dr.ª Maria Irene do Rosário Martins Tavares Cardoso, Sócio nº 1297; Dr. António José Lucas Saraiva, Sócio nº 1301

Dr. João Carlos de Castro Baptista, Sócio nº 1298;

Dr. Abílio Marcelino Alves, Sócio nº 1299;

Dr. Wilson Adelino Godinho Lopes, Sócio nº 1300;

e

Dr.ª Maria do Céu Henriques David, Sócio nº 1302.

IN MEMORIAM

Deixaram-nos...

... no primeiro Semestre de 2012:

Dr. Alcino Fernandes de Carvalho, Sócio 124 – em 3 de Janeiro;

Dr. Fernando Augusto de Sousa Castro Fernandes Mendes Pardal, Sócio 77 – em 22 de Janeiro;

Dr. Fernando Faria Pimentel Lopes de Melo, Sócio 164 – em 27 de Fevereiro;

D. Preciosa da Conceição Correia da Rocha, Sócio 476 – em 1 de Março;

Dr. Alberto Leite Ferreira, Sócio 540 – em 22 de Abril;

Cor. Luís Filipe de Menezes Falcão, Sócio 827 – em 7 de Junho

Dr. Roberto Ferreira Valente, Sócio 24 – em 28 de Junho.

Que descansem em Paz!



ESTE ESPAÇO PODE SER SEU!

ENVIE-NOS POR FAVOR OS SEUS CONTRIBUTOS:

TEXTOS,
POEMAS,
INFORMAÇÕES,
SUGESTÕES OU ...
PUBLICIDADE!



Janeiro a Junho 2012

FICHA TÉCNICA

CAPA E BATINA

DIRECTOR: A Presidente da Direcção

EDIÇÃO: Associação dos Antigos Estudantes
de Coimbra em Lisboa

Instituição de Utilidade Pública

Rua António Pereira Carrilho, 5 - 1º

1000-046 LISBOA

TEL. 21 849 41 97 FAX. 21 849 42 08

E-MAIL: aaecl@sapo.pt

INTERNET: www.aaec-lisboa.com

FACEBOOK: AAEC em Lisboa

PERIODICIDADE: Semestral

TIRAGEM: 1000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS

SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO

Morte de Luiz Goes - Última Hora:

Luiz Goes foi um dos mais representativos intérpretes da canção de Coimbra.

Luiz Fernando de Sousa Pires de Goes nasceu na cidade de Coimbra em 1933 e licenciou-se em medicina 25 anos depois. Para além de um renomado médico estomatologista, foi autor e intérprete de fados e baladas da cidade do Mondego. Faleceu aos 79 anos, no passado dia 18 de Setembro de 2012.

Iniciou-se no fado por influência do tio paterno, Armando Goes, contemporâneo de Edmundo Bettencourt, António Menano, Lucas Junot, Paradela de Oliveira, Almeida d'Eça e Artur Paredes.

Integrou ainda o Orfeão Académico, onde foi solista, a Tuna e o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra.

Tinha uma voz inconfundível de barítono que irá perdurar nos seus temas...